

Metamorfoses: futuros possíveis para a comunicação no Antropoceno^[1]

Metamorphoses: possible futures for communication in the Anthropocene

LUCIMARA RETT

Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), docente da Escola de Comunicação e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS/UFRJ), lucimara.rett@eco.ufrj.br

FERNANDA HASKEL

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EICOS/UFRJ), fernandahaskel@ufrj.br

RESUMO

Qual é o papel da comunicação no Antropoceno? Que tipos de metamorfoses são necessárias para conviver com a emergência climática e a sexta extinção em massa do Planeta? O Antropoceno é a era geológica marcada pelas profundas transformações da Terra, que revida às ações extrativistas. Se quisermos sobreviver, do ponto de vista do clima, precisamos mudar a concepção moderna de natureza. Este ensaio se desdobra na reflexão do que nos trouxe até aqui e nos possíveis antídotos para abrir espaços de inventividades coletivas de outros modos de fazer mundo e produzir ciência. Com apoio de pensadores indígenas brasileiros e filósofas feministas da ciência, colocamos o conceito de metamorfose para nos ajudar a pensar os planejamentos possíveis em níveis individual e coletivo, e composições das ciências com saberes indígenas, na produção de terrenos de vidas plurais no Antropoceno.

Palavras-Chave: Antropoceno; metamorfose; naturezacultura.

ABSTRACT

What is the role of communication in the Anthropocene? What kind of metamorphoses is necessary to live with the climate emergency and the sixth mass extinction of the Planet? The Anthropocene is the geological era marked by profound transformations of the Earth, which respond against extractivism. If we want to survive, from a climatic point of view, we need to change the modern conception of nature. This essay unfolds in reflection on what brought us here and on the possible antidotes to open spaces for the collective inventiveness of other ways of world making and producing science. With the support of Brazilian indigenous thinkers and feminist philosophers of science, we use the concept of metamorphoses to help us think about possible plans at an individual and collective level, and the compositions of science with indigenous knowledge, in the production of territories of plural lives in our time.

Keywords: *Anthropocene; metamorphosis; natureculture.*

AS RUÍNAS DO CAPITALISMO E AS METAMORFOSES EMERGENTES

Para pensar o lugar e o papel da comunicação no Antropoceno, é preciso considerar o colapso climático (IPCC, 2021) e a queda do céu (KOPENAWA; ALBERT, 2015), que anunciam o fim do mundo (KRENAK, 2020). O Antropoceno é a era geológica em que a Terra passa a responder à ação capitalista, estruturada pela noção moderna de natureza como algo dado, inerte e, por isso, passível de ser apropriado e explorado (LATOURE, 2020; HARAWAY, 2021, 2022; TSING 2019, 2022; ARTAXO, 2021). No entanto, as crescentes queimadas, tempestades, enchentes, descongelamento de geleiras são respostas, daquilo que chamamos de natureza, à emissão de gases de efeito estufa e à perda da biodiversidade (ARTAXO, 2021). Com risco da sexta extinção em massa (ARTAXO, 2021), produzido pelo capitalismo que é responsável pela queda do céu (KOPENAWA; ALBERT, 2015). Isso significa dizer que a Terra com seus viventes são agentes políticos, diferente do pensamento moderno, que traz a noção de natureza como recurso, configurada como um cenário passivo à utilidade humana (LATOURE, 2020; KRENAK, 2020).

Na perspectiva indígena, a natureza nunca foi recurso. Ela é antes um conjunto de seres, com saberes próprios, que convivem com os humanos e outras espécies na Terra (TAKUÁ, 2019; KRENAK, 2020). Ailton Krenak (SELVAGEM, 2023) diz que os elementos da natureza, as entidades - seres que não estão mais em pessoalidade, sempre responderam aos diálogos com humanos. Ao embarcar em reflexões sobre a vida no balanço da rede^[2] com a antropóloga francesa Nastassja Martin (2021), ele conta que o “rio Doce sempre respondeu aos cantos de sua avó” e completa dizendo que “do seu jeito, nos seus termos, o rio se comunica. A gente que não pára para ouvir o que ele tem a nos dizer”, completa Krenak (SELVAGEM, 2023). Em 1989, com a queda do muro de Berlim e a derrota do comunismo (LATOURE, 2020), Ailton Krenak fez a declaração de que iria perguntar para os gerentes e governos o que pretendiam fazer com a Terra:

Eu vou perguntar para os gerentes, os governadores, os ministros, os vereadores, o governo dos Estados Unidos, Inglaterra, Japão – todos grandes gerentes... Eu vou perguntar a eles o que eles pretendem fazer com a nossa Terra. Eles estão mexendo com pessoas, com a Terra, com a vida, como se fossem as empresas deles. Nós não temos nada a ver com a loucura deles. Mas eles não são intocáveis... Vamos entrar nos sonhos deles. Junto com a Terra e o universo, nós vamos apontar a loucura. Nós não podemos ficar quietos... Vamos fazer uma rede de pajelança, de magia, vamos fazer confusão no cérebro deles (KRENAK, 1989, apud SZTUTMAN, 2018).

O mesmo 1989 marca a ascensão do capitalismo em nível global, com a promessa de desenvolvimento para todos os países por meio da industrialização e ampliação da produção e consumo (LATOURE, 2020). Passados mais de 20 anos, como um eco trágico do tempo, a pandemia do Covid-19, causada por uma zoonose, foi mostra das consequências da violenta intervenção

do homem na Terra. O coronavírus fez uma demonstração de que algo invisível é capaz de parar o mundo, tirando a centralidade, a exclusividade e a superioridade do homem nas relações multiespécies que compõem nossa existência (KRENAK, 2020). Em fevereiro de 2023, quase sete milhões de pessoas morreram no mundo, quase 700 mil brasileiras (OUR WORLD IN DATA, 2023). Em luto e isolamento social, parecia ser o fim do mundo. Perguntado como os indígenas iriam lidar com a pandemia, Krenak (2020) responde que há 500 anos os povos originários estão resistindo a pandemias e a tudo quanto é tipo de violência e estratégias de extermínio. Disse estar preocupado com os brancos e como eles iriam escapar do fim do mundo.

Considerando-se que o contrário da vida não é a morte, é o desencanto” (SIMAS; RUFINO, 2019) e a morte é nosso ponto de partida, como criar política de vida ou de encantamento? Como transformar a forma de ver o mundo em não antropocêntrica, não moderna e não capitalista para atravessar o abismo do mundo (KRENAK, 2020), sustentar a queda do céu (KOPENAWA; ALBERT, 2015), e orientar politicamente a comunicação no Antropoceno (LATOURE, 2020)? Seria possível encontrarmos antídotos para o que nos trouxe até aqui e cocriarmos condições necessárias para transformar nossas relações, especialmente e sobretudo, a relação com a natureza? Quais metamorfoses são necessárias para a comunicação frente à ampliação do consumo e o negacionismo científico (fenômenos políticos desde 1990)?

A emergência climática desafia o modo capitalista de lidar com a natureza.

ANTROPOCENO: O ABISMO DO MUNDO E O FEITIÇO DO CAPITALISMO

Ailton Krenak (2020) pensa o Antropoceno como o abismo *do mundo*, que é efeito da lógica predatória do nefasto modo de viver capitalista que *come montanhas e polui os rios*. A ruptura que a modernidade causou separando seres culturais e seres naturais/selvagens e, por isso, inferiores e domesticáveis, nos trouxe ao abismo do mundo (KRENAK, 2020). Krenak (2017; 2020) nos alerta que a concepção de mundo que separa o homem da natureza, apartado dos ciclos da Terra, rasgou as redes de relações entre humanos e não humanos.

Especialmente de dois séculos para cá, com a industrialização e a globalização nos conduziram para “*um horizonte comum, em que todos os homens poderiam prosperar igualmente*” (LATOURE, 2020, p.4). A modernidade não cabe no mundo, materialmente falando, muitos ficarão de fora e já estão fora (LATOURE, 2020) e, sabendo disso, a saída adotada por alguns para manter seus ganhos é de “*refugiar fora do mundo*” (LATOURE, 2020, p.4), ou seja, negando os dados e suas

responsabilidades sobre a mudança climática. A narrativa é de que caberia a cada um “se esforçar suficientemente”, mas não é questão de esforço, é questão de justiça de duas lutas, que não conseguiram se articular e ter força suficiente para evitar o abismo do mundo: ambiental e social (LATOURE, 2020, p.4). Cientistas do clima afirmam que a emergência climática atinge de maneira desproporcional quem já está fora do mundo moderno e às margens do capital, como mulheres, pretos e indígenas (ARTAXO, 2020).

Latour (2020) destaca três fenômenos políticos, de 1989 até hoje, para discutir o Antropoceno: a desregulamentação do mercado, com o avanço do neoliberalismo e a mínima intervenção do Estado; a globalização, com a modernização da indústria e aumento dos níveis de produção e consumo, produzindo uma violenta explosão das desigualdades e acúmulo de riqueza (OXFAM, 2022), além de perda da biodiversidade (IPCC, 2021; ARTAXO, 2021); e o negacionismo climático, com a ação deliberada de não acreditar nas projeções de mutação climática e nas transformações nas condições de vida causadas pelo homem (LATOURE, 2020).

O sexto relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, 2021) aponta que estamos diante de mudanças sem precedentes, rápidas e disseminadas. O documento reúne e sintetiza estudos dos últimos 17 anos sobre mudanças climáticas e traça cinco cenários de acordo com os dados históricos: em todos não se cumpriria o acordo de Paris (2015), que limita a média do aquecimento global em 1,5°C (ARTAXO, 2021; IPCC, 2021). O pesquisador Paulo Artaxo, membro do grupo de cientistas responsável pelo relatório, afirma que alguns dos efeitos são irreversíveis, os chamados pontos de não retorno. O pesquisador afirma que o homem, sim, é responsável por essas mudanças e, para a ciência, se não pararmos de seguir o caminho que estamos seguindo hoje, o cenário pode ser irreversível para o futuro das próximas gerações. Para o cientista, a conservação e recuperação de ecossistemas são pautas prioridades na Terra e ele provoca a construção coletiva de outro sistema socioeconômico: “nós vamos ter que fazer isso, arregaçar as mangas, unir cientistas, minorias e tomadores de decisão para construirmos juntos esse modelo” (ARTAXO, 2021)^[3].

O capitalismo funciona como uma espécie de feitiço, que coloniza o imaginário coletivo, sobre modos de vida, contando uma história única sobre futuros possíveis (KRENAK, 2020). As relações orientadas para produção e consumo desse humano moderno e civilizado criaram a estranha ideia de que o homem é um ser separado da natureza e que a natureza está aí para ser usada, domesticada e explorada pela produção capitalista (KRENAK, 2020). Cristine Takuá (2019), filósofa, educadora e artesã indígena, afirma que “o grande erro da ciência, e dessa humanidade que pensamos ser foi ter virado as costas, ocultado, negado os conhecimentos dos povos indígenas do mundo”. Takuá afirma que com o ocultamento da sabedoria dos seres da floresta, que não estão presentes nas universidades, por exemplo, a abertura para diálogos criativos com seres outros, não humanos, não

é uma possibilidade. A filósofa Guarani afirma seguir dialogando com os seres criativos da floresta, com quem aprende como viver e como resistir.

a complexidade que existe nos saberes e fazeres da floresta estão para além da ciência e está dialogando há muitos séculos com uma potência criativa muito forte de seres vegetais e animais, que assim como nós em muitos séculos estamos resistindo e criando formas de continuar resistindo e caminhando pelo planeta (TAKUÁ, 2019)^[4].

Davi Kopenawa, xamã Yanomami, com Bruce Albert, antropólogo francês, nos contam da Queda do Céu, que é sustentado pelas florestas e pelos seres que nela habitam devido à paixão do homem branco pela mercadoria. Se a floresta é derrubada, os seres que nela habitam desaparecem - adoecem, morrem ou vão embora e o céu cai. Mostra disso, na perpetuação de 520 anos de colonização e política de morte com os povos originários, o genocídio do povo Yanomami a favor do garimpo ilegal do governo bolsonarista. Kopenawa declara que tudo que o homem branco toca vira mercadoria. Ele dorme muito, mas sonha apenas consigo, enquanto o sonho dos Yanomami é sempre o sonho dos outros (KOPENAWA; ALBERT, 2015; LIMULJA, 2022).

Omama tinha ensinado a seus pais o uso de algumas ferramentas metálicas, mas já não se satisfaziam mais com isso. Puseram-se a desejar o metal mais sólido e mais cortante, que ele tinha escondido debaixo da terra e das águas. Aí começaram a arrancar os minérios do solo com voracidade. Construíram fábricas para cozê-los e fabricar mercadorias em grande quantidade. Então, seu pensamento cravou-se nelas e eles se apaixonaram por esse objetos como se fossem belas mulheres. Isso os fez esquecer a beleza da floresta. Pensaram: “Haixopê! Nossas mãos são mesmo habilidosas para fazer coisas/ Só nós somos tão engenhosos! Somos mesmo o povo da mercadoria! (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p.407).

Com a queda da floresta, a Queda do Céu (KOPENAWA; ALBERT, 2015) e o abismo do mundo (KRENAK, 2020), perdemos o horizonte comum e não sabemos onde aterrar (LATOUR, 2020). Para pensar o posicionamento político no antropoceno, Bruno Latour, filósofo, sociólogo e antropólogo francês, lança no Brasil em 2020 a obra *Onde aterrar? - como se orientar politicamente no Antropoceno*, onde discute as noções de global, local e traz a ideia de aterramento para se situar no Antropoceno, ou seja, fazer caber no mundo o nosso modo de vida, ativando a reflexão do aterrar, não na dicotomia entre global e local, mas no sentido de chão, de caber no mundo. Enquanto a modernidade se move entre global e local, Latour (2020) sugere o terreno - justamente para materializar na Terra o modo de vida possível com o não humano, tais como os ventos, tempestades, queimadas e aquecimento, que são exemplos da resposta geológica da Terra à ação humana. Ele sugere sair da dualidade política de global/local, direita/esquerda para o aterrar como orientação política no Antropoceno. Neste sentido, Donna Haraway (2009) diz dos saberes situados, não apenas no sentido de localizar, que remete ao local que contrapõe o global,

mas no estar enraizado, ou seja posicionado em historicidade e relações interespecíficas. Onde a comunicação aterra sua ação? Onde a comunicação enraíza seu olhar? A tese de Bruno Latour (2020) é de que *para resistir à perda de orientação comum, será preciso aterrar em algum lugar.*

Diante da perda do lugar comum para saber como se orientar, Bruno Latour (2020) sugere *traçar uma espécie de mapa das posições ditadas por essa nova paisagem*, onde esse conjunto de forças tidas como “naturais” e “dadas” pela perspectiva moderna, ocidental e científica, são agentes políticos. Latour (2020) nos convida a descrever terrenos de vida que se fizeram invisíveis nas narrativas modernas do mundo e, para defini-los, nos convoca a pensar no que precisamos para subsistir, o que inclui bactérias, empresas e florestas, ou seja, para definir o terreno de vida, que associamos com o território existencial, como coloca Deligny (2015), na cartografia, é preciso descrever as associações entre humanos e não humanos na constituição de agentes-em-redes que sustentam as vidas dos terrenos. Bruno Latour (2020) tem um posicionamento político nas zonas críticas ao afirmar que a ciência precisa de mudança, a começar com a noção de natureza. Para o autor, estamos em um Novo Regime Climático que requer uma análise crítica do caminho que nos trouxe até aqui e seus efeitos maléficos:

Sem a consciência de que entramos em um Novo Regime Climático, não podemos compreender nem a explosão das desigualdades, nem a amplitude das desregulações, nem a crítica da globalização e nem, sobretudo, o desejo desesperado de regressar às velhas proteções do Estado nacional – o que se costuma chamar, um tanto erroneamente, de “ascensão do populismo” (LATOUR, 2020, p.88).

Ailton Krenak (2020), com *Ideias para adiar o fim do mundo*, nos diz que diante do abismo, os humanos se comportam como se não pudessem cair, como se não pudessem falhar, falir, ou parar de sustentar o modo de vida capitalista que consome até nossa subjetividade. É mais fácil imaginar o fim do Mundo do que o fim do capitalismo (FISHER, 2020), ao passo que, com a modernidade, não fizemos outra coisa senão despencar, cair, cair e cair. Ele nos desloca pedindo para não termos medo de cair no abismo do mundo e convoca a usar nossa capacidade crítica e criativa para construirmos os paraquedas coloridos. Para quebrar o feitiço do capitalismo, Krenak (2021) nos convoca a inventar histórias outras, que não acabem com a Terra. Conseguiremos fazer isso com sonhos coletivos, ativados pelo encantamento (KRENAK, 2020). O chamado para adiar o fim do mundo é refletir sobre quais mundos precisam acabar e reimaginar outros futuros possíveis - a favor da vida e da regeneração.

Seremos, então, capazes de sair da história única e contar outras histórias? Quais outras histórias poderíamos contar sobre futuros possíveis? Que tipo de relações foram invisibilizadas no terreno da vida ao construir comunicações na modernidade? Seria o fazer da comunicação capaz de contribuir com a heterogeneidade do pensar, ativando os imaginários coletivos para

a reimaginação de outros modos de vida - não modernos? Como seria uma ciência com um pensamento comunicacional não-moderno? Quais seriam os paraquedas coloridos que a ciência e a comunicação seriam capazes de criar? Para pensar uma ciência que faz mundos que cabem muitos mundos, faremos uso da proposição cosmopolítica de Isabelle Stengers (2010; 2018), que defende o fazer ciência um ato político na medida que se propõe a pesquisa-com seres humanos e não humanos, com os modernos e os que nunca foram modernos, na intencionalidade de inclusão de mundos múltiplos e divergentes na composição de narrativas.

Somos parentes: a Terra como agente político e a natureza em composição multiespécies

Para sonhar e construir um mundo onde caibam muitos mundos (Manifesto Zapatista em BASCHET, 2021, p.256).

Para Alyne Costa (2021), com a premiada tese intitulada *Cosmopolíticas da Terra: modos de existência e resistência no Antropoceno*, o Antropoceno é marcado pelo colapso ecológico. A pesquisadora corrobora Paulo Artaxo (2021) afirmando que os efeitos da emergência do clima estão sendo percebidos em todo o mundo. O aquecimento global, que além de provocar secas, chuvas e enchentes, provoca maior risco de pandemias - mais graves e mais frequentes (ARTAXO, 2021; COSTA, 2019; 2021). Esses movimentos têm influência direta da ação humana, dizem respeito às consequências da modernidade por ter cindido relação homem natureza, e nos convocam a tratar a Terra como agente político que revida às ações humanas (ARTAXO, 2021; COSTA, 2019; 2021; LATOUR, 2020). Para pensar os *modos de existência e resistência no Antropoceno é necessário* pensar a ciência ocidental em composição com o pensamento dos povos ameríndios (COSTA, 2019). Ao mesmo tempo, a própria noção de humano está em disputa, uma vez que somos o composto de múltiplas espécies, que em diferentes formas, fazem o nosso corpo (COCCIA, 2018; 2020; HARAWAY, 2021; 2022).

A Terra é a fonte e casa de vida, formada por um emaranhado de entrelaçamentos do conjunto dos viventes terrenos (KRENAK, 2020; TSING, 2019; COSTA, 2019; 2021). A experiência dos povos originários com a natureza não é apenas cultural, como dizem alguns antropólogos (KRENAK, 2020). Ailton Krenak (2020) conta que na cultura ocidental moderna temos poucas referências de outras companhias que convivem e que compartilham esse espaço comum de existência na Terra. Com a intimidade e a convivência, os Krenak cultivam uma espécie de amizade, um laço afetivo, uma rede de afetos com seres de outras espécies. Assim, configuram uma relação de parentesco com os rios, montanhas e outros seres da floresta.

O rio Doce, para nós, os krenak, é nosso avô, o Watu. Nosso avô é uma pessoa, não um recurso como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém pode se aprovar, é uma parte de nossa construção como coletivo que habita um lugar específico onde fomos gradualmente confinados pelo governo (KRENAK, 2020, p. 34).

Para Krenak (2021), tudo é natureza, eles são parentes, o rio Doce é o avô ancestral dos Krenak, que agora está em coma devido ao crime ambiental do rompimento de uma barragem com rejeitos da mineração. Ao tratar o rio como um parente ancestral, os Krenak parecem ter conversado com Donna Haraway (2021; 2022), que disserta sobre estabelecermos laços de parentesco com os não humanos. A filósofa feminista da ciência argumenta que não somos exclusivamente humanos, somos compostos por espécies companheiras. Desta maneira, Haraway (2021,2022) questiona a própria noção de humanidade, afirmando que, em última instância, jamais fomos humanos, fazendo alusão ao livro de Latour (2013), *Jamais Fomos Modernos*.

Donna Haraway (2021; 2022) e Emanuele Coccia (2020), defendem que somos feitos de outros seres, em composição multiespecífica entre os não humanos e os que os antecederam. Para a autora estadunidense, as fronteiras entre homem-natureza, orgânico-inorgânico, natural-cultural, chamadas de grandes divisões da modernidade (LATOURE, 2020), estão borradas. Haraway se interessa justamente por essas zonas de contato entre humanos e não humanos, cujas fronteiras, para ela, são fictícias. Anna Tsing, antropóloga norte-americana, segue o mínimo pulsar de vida nas ruínas do capitalismo ao pesquisar com o Matsutake - uma iguaria na culinária japonesa que cresce em florestas perturbadas pela indústria madeireira. Ela descreve as paisagens multiespécie em polifonias naturezacultura, que em emaranhamento de relações interdependentes sustentam a vida (TSING 2019, 2022).

As espécies companheiras em associações multiespecíficas, do fungo ao robô, de Donna Haraway (2021; 2022), dialogam com o emaranhado de paisagens multiespécies da assembléia polifônica da *naturezacultura* de Anna Tsing (2019; 2022), que também coloca o fazer da vida humana numa composição entre diferentes. As autoras, assim como Bruno Latour (2020), usam o termo *naturezacultura*, para retirar também da escrita, a separação. Para Haraway (2022), *naturezacultura* são zonas de contato onde as fronteiras entre natureza e cultura estão borradas ou manchadas, assim como Anna Tsing (2019), com suas paisagens multiespécies e polifonias *naturezacultura*. Haraway, Tsing e Latour reconhecem a urgência de rever a noção de natureza no fazer ciência, que ao contrário de um bloco homogêneo, está mais para uma composição de emaranhados de relações multiespecíficas, interdependentes entre multiespécies que coexistem.

A natureza também pode ser entendida como a composição dos seres com os quais estabelecemos laços afetivos, de amizade e parentesco (KRENAK, 2020; HARAWAY, 2022). Interessam a Krenak, Haraway, Tsing, Latour e Coccia os lugares de encontro multiespécie e o deslocamento do olhar antropocêntrico no fazer mundo. Também interessam aos autores, os lugares de encontro multiespécie e o deslocamento do olhar antropocêntrico no fazer mundo no ato do encontro entre diferentes. Do mesmo modo, Eduardo Viveiros de Castro (2015), antropólogo brasileiro, questiona a exclusividade humana quanto a ter cultura e estabelecer sociabilidades.

Podemos, então, acionar as noções de natureza como um conjunto de seres com saberes específicos, com agências políticas, que ajudam a sustentar o céu e com os quais podemos estabelecer laços de parentesco, de amizade. diálogos criativos e aprender a resistir frente aos desafios de habitabilidade das ruínas do capitalismo e emergência climática. Nesta linha, a natureza pode se configurar em paisagens multiespécies, com relações interespecíficas em um emaranhado interdependente e heterogêneo que sustenta a vida (TSING, 2019). Podemos também compreender que se fossemos considerar a sociologia das associações (LATOURE, 2012), o coletivo em rede incluiria as agências políticas da Terra, das tempestades, do fogo, de suas águas, florestas e seus tremores.

É possível, então, a ciência transver o mundo e transgredir a lógica moderna de operar? Quais foram as estratégias que os povos originários utilizaram de 1500 até os dias atuais para adiar o fim do mundo diante da política de morte da colonização? Com os autores como Bruno Latour (2020), Donna Haraway (2021, 2022) e Anna Tsing (2019), que estão pensando em sociabilidades mais que humanas e na vida nas ruínas do capitalismo, o que podemos elaborar como pistas de como orientar politicamente a comunicação no Antropoceno e coproduzir futuros possíveis?

Krenak (2020) nos conta que a criatividade e a poesia inspiraram a resistência dos povos indígenas. Enriquecer a subjetividade para resistir à homogeneização do pensar é a estratégia dos povos indígenas para resistir à captura moderna e capitalista (KRENAK, 2020). Cantos, dança e a experiência mágica de suspender o céu são comuns a muitas tradições de povos originários do Brasil: “Nós resistimos expandindo a subjetividade, não aceitando a ideia de que somos todos iguais. Ainda existem 250 etnias que querem ser diferentes umas das outras no Brasil, que falam mais de 150 línguas e dialetos” (KRENAK, 2020, p. 59). Para Krenak (2020), *suspender o céu é ampliar o horizonte, é enriquecer a subjetividade*, sair desse tempo que quer consumir a natureza e com a mesma ânsia quer consumir nossas subjetividades, colonizando nosso imaginário sobre modos de vida. Por isso, ele nos convoca a *viver nossas subjetividades com a liberdade que somos capazes de inventar*.

já que a *natureza está sendo assaltada de maneira indefensável*, não vamos colocar nossa subjetividade no mercado, vamos enriquecer a nossa subjetividade, com diferentes visões e poéticas da existência, pois: não somos iguais e é maravilhoso saber que cada um é diferente, como constelações. [...] Compartilhar o espaço, estarmos juntos, não significa que somos iguais, mas somos capazes de nos unirmos uns aos outros pela diferença (KRENAK, 2022)^[5].

Essa deveria ser a orientação da vida: a diversidade e não a homogeneização, que tira a nossa alegria de estarmos vivos (KRENAK, 2020). E ainda cita Eduardo Viveiros de Castro e o perspectivismo amazônico que diz que *‘os humanos não são os únicos seres interessantes e quem tem uma perspectiva sobre a existência, muitos outros também têm’*. Para tanto, é

necessário ativar nosso imaginário coletivo (KRENAK, 2020) e transver o mundo (BARROS, 2001). É possível metamorfosear a comunicação no Antropoceno? A seguir trataremos da metamorfose como inspiração para transformações insurgentes.

TRANSVER O MUNDO: COMO METAMORFOSEAR NOSSOS IMAGINÁRIOS?

A expressão reta não sonha.
 Não use o traço acostumado.
 A força de um artista vem das suas derrotas.
 Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
 Arte não tem pensa:
 O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
 É preciso transver o mundo (BARROS, 1995, p.75).

Diante do fim do mundo, na beira do abismo onde de um lado estão os seres naturais/selvagens e de outro estão os seres culturais e, portanto, civilizados, é preciso metamorfosear nosso imaginário e transver o mundo. Configurar um mundo onde cabem muitos mundos, todos os mundos, como se cada ser vivente carregasse em si um modo de vida que também produz mundo e faz mundo. É o exemplo da vida das plantas, que faz o mundo desde seu modo de existir. Mesmo sem órgãos ou mãos, as plantas são capazes de fazer um mundo de oxigênio no qual estamos imersos (COCCIA, 2018).

Transver o mundo talvez seja configurá-lo como assembléia multiespécie nas polifônicas paisagens *naturezacultura* (TSING, 2022). Incluir as espécies companheiras (HARAWAY, 2020; 2022), existências com as quais se tece uma rede de associações interespecíficas e interdependente entre humanos e não humanos (LATOURE, 2012; 2013; 2020; TSING, 2018; 2022; HARAWAY, 2020; 2022). O tipo de relações importa no tecido de vida dos viventes terrenos. Transver a ciência seria algo como trazer para a *voz em formato de pássaro*, o espaço de incluir outras histórias e futuros possíveis, diferentes do que nos trouxe até aqui e a ciência ajudou a construir. Transver o mundo é matéria de inventividade, requer metamorfose.

Emanuele Coccia (2020), filósofo e botânico italiano, trata da metamorfose de uma perspectiva biológica e filosófica na medida que adota o conceito para pensar o mundo e a vida que, pela metamorfose, se manifesta em múltiplos corpos e formas. Encantado pela transformação da lagarta para borboleta, ele constata que dois corpos totalmente diversos, que não compartilham nem a anatomia e nem as funções ecológicas, compartilham a mesma vida. A metamorfose liga dois mundos diferentes: o terrestre da lagarta e o aéreo da borboleta. A metamorfose permite a conjunção desses

dois mundos, é a vida transmitida de uma forma a outra (COCCIA, 2020). A vida não é limitada à identidade com uma forma anatômica ou social, mas ela passa facilmente, por metamorfose, de uma forma para a outra. A identidade é um mosaico, *patchwork*, mesmo no nível biológico. Somos mistura, não há identidade fixa, pura, e considerar isso parece ser o único caminho para descobrirmos um terreno comum de entendimento e acordo político (COCCIA, 2020).

A relação que existe entre os diferentes seres é de passagem de vida, que começa antes do nosso nascimento e não termina com nossa morte. Para Coccia (2020), cada espécie é uma metamorfose da que a antecedeu. A ecologia é a única dimensão que pode ir além de toda divisão e oposição entre natureza e cultura, pois o fato de sermos viventes na terra vem antes de qualquer outra invenção humana. A sensibilidade de mudança cultural pode acontecer através da lei, que são os instrumentos mais rápidos para mudar o comportamento e a consciência sobre nossa consciência ecológica. A metamorfose diz do reivindicar-se como parte de uma vida planetária, nutrir uma vida que é uma vida outra é assumir que nossa vida pode transformar-se na vida de outro ser. Que características da metamorfose podem nos ajudar a *transfigurar as formas de ocupar o mundo, construindo relações e sentidos* coletivos, com espaço suficiente para cocriar paraquedas coloridos e sobrevoar coletivamente o abismo do mundo?

ANTÍDOTOS DO FIM DO MUNDO: INVENTÁRIOS DE FUTUROS POSSÍVEIS PARA A COMUNICAÇÃO NO ANTROPOCENO

Sem respostas, este ensaio buscou tecer perguntas para reflexão imaginativa de outros futuros possíveis para comunicação no Antropoceno. Longe da conclusão, colocamos aqui os contrapontos da modernidade ou os antídotos do fim do mundo desde a perspectiva dos saberes indígenas brasileiros e cientistas que pensam a composição de mundos no encontro de diferentes. O objetivo foi reunir elementos para reflexão dos planejamentos possíveis a nível individual e coletivo, e do lugar das ciências com os saberes indígenas para pensar, sobretudo nossa relação com a natureza.

Os desafios da comunicação parecem estar na forma e no conteúdo. Saímos com o reconhecimento de que o Antropoceno, era de profundas transformações da Terra, convoca a metamorfose das nossas relações com ela. Estamos sendo convocados a mudar, dar espaço a novas formas de relações com outras manifestações da vida. Quando a vida toma novas formas é a metamorfose operando, quando as relações tomam uma nova forma também. A borboleta, que

de lagarta faminta e grudada numa folha, cria asas e sai voando se alimentando de néctar por entre flores. Uma mutação de forma e conteúdo. Uma transformação interna e em aparência, em função existencial. O que seria capaz a comunicação aprender com a borboleta e metamorfosear seu modo de operar diante da mudança necessária no Antropoceno?

Se a Metamorfose pode ser *concebida como um processo de surgimento de novas composições*, quais novas composições possíveis para a comunicação? Como a comunicação pode nos ajudar a sair do feitiço do capitalismo, sustentar o céu e sobrevoar o abismo do mundo?

A natureza nunca existiu. Ela é composta por coletivos de diferentes idades. A Terra e seus elementos são agentes políticos. Se for isso, muda tudo: as multiespécies agentes políticos precisam ser consideradas nos planejamentos de toda ordem. Lugar da ciência com saberes indígenas: a ética do cuidado no ato do encontro para restabelecer laços rompidos e tecer uma rede de afetos multiespécie para a produção de vida. Inspirado pelas plantas e indígenas - cujos modos de vida ficaram fora do protagonismo narrativo da história moderna, alguns dos contrapontos ao caminho que percorremos até aqui. Produzir terrenos comuns, uma rede de afetos que nos mobiliza para agir a favor da vida coletiva, em detrimento do ganho privado e individual. De tanto que nos acostumamos a viver isoladas, talvez tenhamos que encontrar nossos territórios de vida, notar que dependemos de alianças. Se fossemos pensar na necessidade de mundos inéditos para sustentar o céu, eles seriam fabricados no ato do encontro entre diferentes. A floresta e os seres que nela habitam ajudam a sustentar o céu sabem sobreviver às ruínas do capitalismo e na inexistência dele - pois estabelecem relações de outro tipo com os viventes, não pelo capital. Pela paixão aos tesouros do fundo da terra, ferimos e adoecemos parentes ancestrais de profunda sabedoria, dos quais dependemos para viver, tais como os rios e montanhas.

Diante do extermínio muitas espécies e das condições de vida no planeta, inclusive para os humanos, emerge a reflexão: como a comunicação pode metamorfosear-se para ajudar a contar mais uma história, a que considere as relações que foram invisibilizadas pelo processo de modernização? Perceber que convivemos com outras espécies requer mudança de corpo no cotidiano de conviver com os que nos compõem, com os quais dependemos. Talvez o inventário da metamorfose para pensar futuros possíveis da comunicação no Antropoceno, esteja orientada em construir mais histórias sobre devires-com-mundos-outros. Terá encantamento para enfrentamento da política de morte e favoráveis à vida. Com tempo e espaço para enriquecer nossa subjetividade, teremos diálogos criativos e inventaremos coletivamente paraquedas coloridos com os sonhos coletivos e o sonho dos outros, encantamento, narrativas multiespécies, composição de mundos no encontro de heterogêneos. Teceremos redes de afeto e laços de parentesco com os não humanos. O reino vegetal e os povos indígenas sabem viver no abismo do mundo e sustentar o céu. O que podemos aprender com o reino vegetal e povos indígenas sobre o fazer comunicação?

REFERÊNCIAS

- ARTAXO, Paulo. Vozes do Planeta: o que você precisa saber sobre o relatório do IPCC, com Paulo Artaxo, pesquisador líder do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU e autor do primeiro capítulo do Relatório. Spotify. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2Myzaw8njO5vcDQyYZNzVo?si=Wbmg6Nk6QCKR1o0bPelOrg>, Acesso em: 13 ago. 2022 .
- BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record; 1996.
- BASCHE, Jérôme. *A experiência zapatista*. São Paulo: N-1 edições, 2021.
- CÂMARA, Legislativa. Agência Câmara de Notícias: Terra Yanomami é palco de “tragédia humanitária”, dizem especialistas. 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/898328-terra-yanomami-e-palco-de-tragedia-humanitaria-dizem-especialistas/>. Acesso em: 09 fev. 2023.
- COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- COCCIA, Emanuele. *Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.
- COCCIA, E. Entrevista inédita com o filósofo Emanuele Coccia pelo jornalista Damiano Fedeli. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NIHwW7DvAk>, Acesso em: 6 fev. 2022.
- COSTA, Alyne. *Cosmopolíticas da Terra: modos de existência e resistência no Antropoceno*. 2019. 303 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Departamento de Filosofia, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=46900@1>. Acesso em: 8 fev. 2023.
- COSTA, Alyne. Antropoceno e colapso ecológico. Rio de Janeiro: Spotify, 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2OpYPJ1RNDXrxvqPC9LqpC?si=PoCJtfdNS6yX3zpl4mihvg>. Acesso em: 8 fev. 2023.
- DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- FISHER, Mark. *Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu, [S. l.], n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 11 fev. 2023.
- HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Trad. Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- HARAWAY, Donna. *Quando as espécies se encontram*. Trad. Juliana Fausto. São Paulo: Ubu, 2022.

- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. #04 Emicida entrevista Ailton Krenak | Podcast #Chamaê. Youtube, 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nBYMr0Y1ITk> Acesso em: 08 fev.2023.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos Modernos*. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- LIMULJA, Hanna. *O Desejo dos Outros: uma etnografia dos sonhos dos yanomami*. Rio de Janeiro: Ubu, 2022.
- MARTIN, Nastassja. *Escute as feras*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2021.
- OUR WORLD IN DATA. Disponível em: https://ourworldindata.org/covid-vaccinations?country=OWID_WRL. Acesso em: 06 fev. 2023.
- OXFAM. Annual Report 2022. OXFAM AMERICA: Oxfam, 2023.
- SELVAGEM, Ciclo de estudos sobre a vida. Conversa na rede: Ailton Krenak e Nastassja Martin. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ChUjjiLCdxs&list=RDCMUCJFxuy0nRF3Z9YvBW7vIjCA&index=2>. Acesso em: 09 fev. 2023.
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Flecha no Tempo*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.
- STENGERS, Isabelle. *Cosmopolitics I*. Estados Unidos: Univ Of Minnesota Press, 2010.
- STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], n. 69, p. 442-464, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145663>. Acesso em: 22 dez. 2022.
- SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência - pensando com Isabelle Stengers. *Rev. Inst. Estud. Brás*, São Paulo, n. 69, p. 338-360, 2018, Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742018000100338&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 fev. 2023.
- TAKUÁ, Cristine. Cristine Takua no Selvagem Ciclo 2019: Teko Porã. *Selvagem Ciclo de Estudos sobre a Vida*. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7hzJVxUOjc8>. Acesso em: 08 jan. 2023.
- TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. Trad. Jorgge M. Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac & Naify, 2018.

[1] Trabalho submetido em 10 fev. 2023 para revista Logos da URJ, ao Dossiê Metamorfoses.

[2] Refere-se a um dos episódios de Conversas na Rede, da plataforma Selvagem ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: <https://selvagemciclo.com.br/>. Acesso em: 9 fev. 2023.

[3] Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2Myzaw8njO5vcDQyYZNzVo?si=Wbmg6Nk6QCKR1o0bPelOrg>. Acesso em: 8 fev. 2023.

[4] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5e0q2nh5C0U> Acesso em: 8 fev. 2023.

[5] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nBYMr0Y1ITk> Acesso em: 08 fev.2023.